



Façamos da nossa vida um cântico de amor

por TÁISS

É frequente e até vulgar, ouvir da boca dalguns irmãos descrentes, esta grave acusação: «ele dizia-se cristão, ia à Missa, recebia a Eucaristia e afinal... prevaricou!...»

É realmente desolador, ouvir esta acusação, dirigida com verdade, a alguém, que não soube sentir toda a responsabilidade, toda a grandeza da humilde condição de se dizer seguidor da doutrina que o Messias há 2.000 anos nos veio trazer como caminho de redenção.

É pena que quase sempre e com verdade, nos acusem de prevaricarmos. Se é certo que o facto de sermos cristãos e católicos praticantes, nos coloca perante os que o não são, numa posição muito especial de alerta, também é verdade que não são só os cristãos os que procedem mal, nem tão pouco serão os piores!

Somos é, sem dúvida, mais responsáveis quando abraçamos a cruz, e prometemos aceitá-la e, afinal, esmorecemos e, tantas vezes, procuramos arredá-la de qualquer maneira, esquecidos de que se a nossa condição humana nos confere fragilidade, temos uma fé, que se for realmente cá de dentro, nos dará coragem para lutarmos e mostrarmos aos outros, que somos realmente diferentes pelo facto de sermos cristãos!

Ser cristão, é fazer de cada momento das nossas vidas um cântico de amor. É saber em cada hora apelar para energias desconhecidas aos olhos humanos, e seguir sempre de cabeça erguida, ainda quando todos parecem ter-nos abandonado, e as nossas energias físicas teimem em querer esmorecer e deixar-nos caídos na valeta. Os olhos podem chorar, mas a alma tem de sentir que o Senhor nos chama e temos de responder presente!

Há sempre ao nosso lado um irmão que precisa de nós, do nosso sorriso amigo, a atenuar a sua dor, ou a sua miséria. Existirão sempre, mas sempre, bocas famintas e coros desnudados e nós temos de estender-lhes a nossa mão, mas sabê-la dar com amor, até aos mais transviados!

Quantos momentos na vida nós pensamos que todos nos olvidaram e até o próprio Deus, que está sempre connosco, parece não querer ouvir as nossas queixas desesperadas! É o momento da afirmação!

Mas, depois das horas altas de amargura, se soubermos ter resistido como cristãos autênticos, com esperança numa vida sobrenatural eterna, que de tudo nos compensa, então veremos, como é realmente enorme essa força interior, que nos impele para o alto e exige

(Continua na pág. 2)

VOZ
das **CINCO VILAS**

Redacção e Administração ANO V N.º 59
CHÃO DE COUCE (Tel. 32191—Avelar) DEZEMBRO DE 1971

— PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO —
DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ADRIANO SIMÕES SANTO. — REDACTORES: ACÍLIO E. ROCHA, CARLOS M. MENESES FALCÃO. — ADMINIST.: SERAFIM AFONSO, ARMÉNIO M. FERREIRA — Comp. e imp.: Gráfica de Coimbra

Licenciaturas EM AVELAR

Na Universidade de Coimbra, completou o curso de Direito o sr. Dr. Angelo Mendes Ferreira, filho do sr. Alberto Ferreira e da sr.ª Albertina Mendes, de Relvas (Chão de Couce).



Tendo-se revelado sempre um aluno distinto vê agora coroado de êxito o seu trabalho pelo que o felicitamos, bem como a sua família.

* Também na Faculdade de Filosofia da Universidade de Lisboa

(Continua na pág. 2)

O Curso de Formação Doméstica fez a sua festa de encerramento

Desde Outubro que estava a correr numa dependência da Fiandeira, um Curso de Formação Doméstica. Havia horários diferentes, conforme os tempos livres das raparigas que o frequentavam. Das três dezenas de inscritas, concluíram cerca de vinte. Escasso número para tantas raparigas do nosso meio que poderiam ter aproveitado. Era uma óptima oportunidade de se valorizarem como mulheres e futuras mães e donas de casa. Fazemos votos para que noutra oportunidade que venha a surgir, aproveitem todas as que precisam.

O encerramento fez-se no passado dia 5 de Dezembro. De Leiria veio o Subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho, sr. Dr. Campos, o Director da Escola de Formação Doméstica e Rural, sr. P. José Galamba de Oliveira, a professora da mesma Escola, sr.ª D. Maria Teresa e quatro alunas finalistas. Estive-

ram também o sr. José Luís Matalonga e esposa, em representação da Fiandeira, o sr. Francisco da Silva Lopes, regedor, o Pároco, José Carlos Martins, a sr.ª D. Maria Alice Figueiredo Me-

(Continua na pág. 2)

GRAVE DESASTRE

No passado dia 6 quando o sr. Mateus Rodrigues (Mateuzinho) e sua esposa D. Angelina Fernandes, de Poeiro, se dirigiam a Coimbra, no cruzamento das Lages, à entrada desta cidade, foram atropelados por uma camioneta que surgiu da estrada da Serra (que devia prioridade de passagem).

Do acidente resultou que marido e esposa ficaram gravemente feridos, sendo transportados aos Hospitais de Coimbra. Encontram-se presentemente na Casa de Saúde, da Rua da Sofia.

Desejamos-lhes completo restabelecimento.

NATAL E SEUS CONTRASTES

Natal, festa de paz e de reconciliação! O Verbo incarnado, principio da paz, lança uma ponte entre Deus e os homens.

Os pastores são os primeiros a compreender a mensagem do Natal. «Glória a Deus e paz aos homens». Correm ao presépio e a sua atitude desencadeia um movimento universal, impossível de travar.

Há dois mil anos que o presépio continua a atrair multidões. Todavia o homem do séc. XX mostra-se incapaz de compreender e assimilar a sua mensagem. Estaremos perante um símbolo, cuja linguagem nada lhe diz?

A verdade, porém, é que o Natal parece revestir-se de certa magia. Agita-se o mundo inteiro. Exteriormente não faltam sinais de festa. Eles aí estão, bem visíveis, nas ruas de cidades e vilas, feêricamente iluminadas. Nascem movimentos de solidariedade humana. Fazem-se festas de Natal em grandes empresas. Dão-se subsídios aos empregados pelo já célebre 13.º mês. Envia-se votos de Boas-Festas em cartões agradáveis à vista. Operam-se reconciliações.

Mal se volta a folha do calendário os homens continuam na mesma: patrões opulentos, operários mal pagos, ódios, indiferenças.

A mensagem do Natal continua a ser uma mensagem de Paz e Amor. O seu mistério é um mistério de Fé, desconcertante para o coração orgulhoso, mas acessível aos simples.

Para o crente o Natal é o principio de salvação. Na Palavra de Deus incarnada manifesta-se-lhe o Salvador. E em cada ano revive este Mistério sublime. Opondo-se com tenacidade às mil solicitações do egoísmo, para poder cumprir o seu dever quotidiano, respeitar o Amor, praticar uma amizade generosa, ele compreenderá e assimilará a mensagem do Natal.

Os sinais exteriores de festa são ajuda preciosa para os que querem ir mais além. Que Cristo, neste Natal de 71, nasça no coração de todos os homens em sentimentos de Paz, Amor e Justiça.



BOAS-FESTAS

NATAL FELIZ

é o que deseja a todos os seus prezados assinantes e amigos

A «VOZ DAS CINCO VILAS»

M. M.

AGUDA

Novo Lar

Na igreja de Fátima uniram-se pelo sacramento do Matrimónio, Manuel Rosa da Silva, filho de Manuel da Silva e de D. Maria Rosa da Silva, e Lídia Curado Godinho, filha de Abílio António Godinho e de D. Narcisca da Conceição Curado Godinho.

Foram padrinhos Joaquim Simões da Silva e Alberto Zuzarte Lopes.

Com os nossos parabéns, rogamos a Deus que cubra de bênçãos o seu lar.

Nas Mãos de Deus

Durante o mês de Novembro fizeram a sua passagem desta vida para a eternidade:

—No dia 8, Manuel Fonseca, que residia no Olival.

—Nos Moninhos Cimeiros e no dia 8, Joaquim Silveira.

—No dia 19, com a linda idade de 101 anos, Ana da Conceição, em Ponte de Braz Curado.

As famílias enlutadas a manifestação do nosso pesar.

Centenária

No lugar do Salgueiro da Lomba reside a pessoa mais idosa da freguesia, sr.^a Maria Fer-

reira. Completou 100 anos de vida no dia 22 de Novembro.

Felicitemo-la por este anivers-



sário e pedimos a Deus a conserve com saúde.

Beneficiação na estrada

Por iniciativa da Junta de Freguesia, procedeu-se à limpeza de bermas e valetas no ramal da Aguda.

Esperamos que a Junta se lembre também de outros caminhos a pedirem os seus cuidados.

Padre Kolbe

O «CAVALEIRO DA IMACULADA»

A 17 de Outubro passado, em pleno Sínodo Episcopal, que discutiu, em primeiro lugar, a tema do Sacerdócio, foi solenemente beatificado por Paulo VI um modelo de sacerdotes, o P. Maximiliano Kolbe, polaco, franciscano, que no campo de concentração de Auschwitz, em 1941, acabou vítima pelo furor nazista. Não é, propriamente, um Mártir, mas um Confessor, e como tal entrou no calendário da Igreja.

Foi ele ardentíssimo devoto da Virgem, como o outro polaco, da Companhia de Jesus, S. Estanislau Kostka, ou como o outro franciscano, e nosso compatriota, S. António de Lisboa. Por Ela viveu, lutou e realizou uma obra admirável. E assim mereceu o nome de «Cavaleiro da Imaculada», que o mesmo Sumo Pontífice lhe confirmou.

Ao invés do enigma de Sansão, que era: **De forti egressa est dulcedo** —Do forte saíu a doçura—o seu enigma, o alto segredo da sua vida, norteada toda ela pelo doce amor da Virgem Imaculada, pode assim formular-se: «Da doçura nasceu a fortaleza».

Tal como em precioso pano, sobre o qual, em estofa já de si excelente, se bordam áureos emblemas, assim, deste riquíssimo fundo mariano, dois actos heróicos, dois símbolos fulgurantes do ministério sacerdotal, se realçam.

Estava o P. Maximiliano padecendo as torturas e as humilhações sem nome daquele inferno contracionário, quando, em represália por um fugitivo, dez dos seus companheiros de infortúnio são condenados a morrer à fome. Entre esses infelizes, encontrava-se um pobre pai, inocente, que em altos e lestemosos brados clamava pela mulher e pelos filhos... É então que o nosso herói se agiganta sobremaneira e a sua figura moral atinge a sua máxima grandeza:

Sai do anonimato a quem o tinham forçado, ele, anónimo entre anónimos, um número, apenas, entre muitos outros números, apresenta-se e confessa-se: —«Sou um sacerdote católico!»

Primeiro acto daquele drama sublime, primeiro e desassombroso testemunho do insigne Confessor! E que alto e luminoso exemplo para uns quantos sacerdotes, que fogem de parecer que o são!

Depois, como natural sequência do primeiro, o segundo acto, o supremo, o **non plus ultra**, que veio a culminar gloriosamente aquela formosa carreira sacerdotal: Oferece-se o P. Kolbe para morrer em lugar do desventuroso pai!

E aceite pelos esbirros a troca, dá ele então ali, após o Mestre, à vista do mundo e dos séculos, a maior prova de amor, que é dar a vida pelos seus amigos.

Beato Maximiliano Kolbe! Nestes tempos de cobardia e demissão que atravessamos, dai-nos alento! Neste clima de ódio que nos enregela, atea! a fogueira do amor!

ABEL GUERRA

Dr. Arménio da Silva Rocha Marques

Este nosso prezado conterrâneo, filho do sr. Manuel Simões Marques e da sr.^a D. Georgina da Silva Rocha, da Serra do Mouro, acaba de ser convidado para professor da Faculdade de Medicina, da Universidade do Porto.

Felicitemo-lo vivamente, bem como a seus pais, desejando-lhe os melhores êxitos na sua carreira docente.

POUSAFLORES

Novos membros da Igreja

Maria da Graça Marques Gonçalves, filha de Manuel Gonçalves e de Helena Marques, do lugar das Cavadas. Padrinhos: Abílio Marques e sua esposa, do lugar da Pereira.

Novos lares

José Ferreira e Georgina de Jesus Mendes. Padrinhos do noivo: José da Silva e esposa, da noiva: José Simões Dias e esposa.

Não podíamos deixar de felicitar este novo lar, pelo seu rumo novo. Parabéns ao José e parabéns em especial à Georgina, pois durante muitos anos soube cumprir a missão de catequista na nossa freguesia, e só por isso a freguesia muito lhe deve. Além disso, a Georgina soube sempre dar a sua participação em todas as actividades que aqui se realizassem, quer em récitas, quer em reuniões, quer no grupo coral. Por tudo aqui fica o muito obrigado de todos e muitas felicidades por longa vida.

Uma prece por sua alma

Maria Rosa, viúva, do lugar do Pinheiro, de 69 anos de idade. — João da Silva, de 84 anos de idade, do lugar de Lisboinha.

Trágico incêndio

Na noite de 13 de Novembro, no lugar do Pinheiro, desconhecendo-se ainda bem quai as origens, deu-se um violento incêndio que teve como causas a morte da sr.^a Maria Rosa, viúva, e a destruição de sua casa. Ninguém deu conta senão de manhã, quando já tudo era um amontoado de brasas. O caso foi entregue à G.N.R. — C.

Praia de Mira

Praia de Mira! Praia de Mira!
O lembrar-te faz-me bem;
Traz mais vida à minha vida,
E mais alegria, também!

Rodeada de todos os encontros,
De belas árvores frondosas;
Com a tua brisa marinha
És duma beleza majestosa.

O sol que te ilumina
E se embrenha no teu amar,
Torna-se ainda mais belo
No outro dia, ao despertar.

Esse teu mar barulhento
Que toda a gente deseja,
Saúda-nos com suas ondas,
Numa alegria benfazeja.

Praia de Mira! Praia de Mira!
Em ti, o meu segredo ficou,
No mais fino grão de areia
Que Deus em ti colocou!

Joga esse grão de areia
Para o mais profundo do mar,
Para que em noites de lua-cheia,
Possas com sereias cantar!

Adeus, Praia de Mira,
Eu te vou recordar...
E deixo-te uma certeza:
Para o ano, vou voltar!

M. E.

Do Pessegueiro

Origens da Capela

Sem data alguma, sem nada escrito a seu respeito, adensava-se o mistério à volta das origens da sua Capela. A quando das recentes obras de beneficiação, encontrou-se debaixo do retábulo uma imagem mutilada de São Miguel, sem cabeça e com a parte superior das asas, esculpida num bloco de pedra, representando-o como guerreiro, revestido de couraça, e com o demónio subjogado, e debaixo dos seus pés. Levada ao Director do Museu de Coimbra, disse tratar-se, sem dúvida, duma imagem da transição do século XV para oséculo XVI.

Embora se não faça luz clara sobre a sua origem, ficamos pelo menos a saber que a capela é muito antiga, datando de há cerca de 400 anos, sendo isto mais um título para bem a conservarmos, e dela nos orgulharmos. — C.

Em AVELAR

(Continuado da 1.^a pág.)

deiros, as raparigas que frequentaram o Curso, seus pais e mais familiares.

As 15 horas fez-se a abertura da exposição dos trabalhos, muitos deles de extraordinária graça, bom gosto e originalidade.

Seguiu-se na igreja paroquial a missa de acção de graças celebrada pelo sr. Dr. Galamba de Oliveira, que na devida altura dirigiu a numerosa assistência a sua palavra repassada de fé e carinho.

Na Casa da Música houve uma tarde recreativa com vários números humorísticos, de declamação e de danças populares pelas alunas do Curso. Para destacar o significado e alcance deste falaram as suas Monitoras meninas Maria Engrácia Leandro Barrocas e Maria Dulce Nunes Domingos, o sr. Dr. Campos, o sr. Dr. Galamba e a sr.^a D. Maria Alice Medeiros.

Finalmente, aos numerosos convidados, foi servido um precioso e variado lanche a atestar o aproveitamento culinário das alunas e o dedo mágico das suas professoras.

Aqui deixamos a nossa palavra de muita gratidão às simpáticas meninas Engrácia e Dulce, pelo que fizeram durante tão pouco tempo que estiveram entre nós e pela vontade demonstrada de fazer muito mais se tivesse sido possível. É com saudade que as vemos partir; desejamos a ambas as maiores felicidades.

Licenciaturas

(Continuado da 1.^a pág.)

se licenciou a sr.^a Dr.^a Maria Emília da Silva Bernardo, filha do sr. José Bernardo e da sr.^a D. Maria Gomes da Silva, de Chão de Couce.

Estudante aplicada, de apreciáveis dotes de inteligência, terminou o seu curso com alta classificação. As nossas vivas felicitações que tornamos extensivas a toda a família.

FAÇAMOS DA NOSSA VIDA UM CÂNTICO DE AMOR

(Continuado da 1.^a pág.)

de nós todas as renúncias!

Se soubermos, por cima dos destroços das nossas almas, amar os nossos irmãos mais infelizes ou mais ingratos, as nossas vidas de cristãos de facto, transformar-se-ão em hinos de beleza, e deixaremos de ouvir amargas mas justas acusações, daqueles que não sendo cristãos, não professando qualquer religião, são mais coerentes e mais dignos do que nós próprios, que apregoamos viver uma vida interior que afinal falseamos, em cada segundo!

Acordemos cada um de nós para uma vida nova, e sobretudo nesta época atribulada que atravessamos, que é de crise, precisamos de nos re-

novar de um modo muito especial, de molde a tornarmos as nossas existências um cântico de amor perene ao próximo.

O grão de trigo lançado à terra, tem de germinar e fazer despontar uma nova era de cristãos autênticos onde não haja mais lugar a lamentáveis acusações plenas de justiça e de verdade.

Avelar, 21-11-71.

Aos ausentes

por Uma Mulher do Povo

Vós, ó queridos ausentes
Os que andais afastados,
Lembra-vos dos vossos PAIS
Que vos trazem bem lembrados!

Há tantos pais desesperados
No seu lar tão pobrezinho!
Não têm quem escreva letra
Nem quem lhes dê carinho...

É preciso saber amar
Para haver a UNIÃO.
Há tantos que esquecem tudo
Quando já ganham seu pão!...

Fazem-se tantas orações
Pelos sãos e pelos doentes;
Mas nunca esqueceremos
Os nossos queridos ausentes!

Para todos os ausentes
Um pedido especial:
Escrevam aos vossos PAIS
Pelos festas do Natal.

Amieira, 10-XII-71.

Desastre mortal

No passado dia 26 no lugar do Bairro deu-se um trágico desastre no qual perdeu a vida o sr. Avelino Faria dos Santos, natural do Minho, e radicado em Chão de Couce onde construiu a sua casa no lugar do Outeiro da Mó.

Ao descer ao poço da mina de gesso, onde trabalhava, fê-lo no balde donde caíu, estatelando-se a cerca de 70 metros de profundidade. Teve morte imediata.

Foi a enterrar no dia seguinte com grande acompanhamento.

Deixa 5 filhos menores.

Os nossos pésames à família enlutada.

CHÃO DE COUCE

CENTRO PAROQUIAL

Adiada a inauguração para o dia 16 de Janeiro

As obras do Centro Paroquial estão quase no fim. Dizemos «quase» pois no dia em que escrevermos falta ainda o assentamento dos mosaicos no salão e os acabamentos na casa anexa.

E porque as coisas atrasaram, como, aliás, é natural em qualquer obra, adiou-se o dia da inauguração. Não será em 19 de Dezembro mas em 16 de Janeiro.

O programa ainda não está devidamente elaborado mas esperamos que não falte a anunciada sessão de teatro infantil que já há tempo se vem preparando.

O que recebemos...

E continuamos na ingrata tarefa da recolha de donativos. De longe e de perto os nossos conterrâneos e amigos têm sido admiráveis em generosidade e manifestação de fervor bairrista.

Não nos é possível publicar os nomes de todos os ofertantes, sobretudo os da terra que corresponderam ao pedidório feito de porta em porta. Encheriam só por si todo o jornal. Vamos assim publicar os ofertantes de fora e outros que, vivendo entre nós, vieram espontaneamente:

Fernando dos Santos Faria — Luanda, 500\$00; Joaquim Gaspar — Santos, 500\$00; Adriano Augusto Gaspar — Santos, 1.000\$00; Augusto Teixeira — Brasil, 500\$00; Arlindo Simões — Angola, 200\$00; Alfredo Gonçalves — Brasil, 1.000\$00; Arnaldo Marques Ferreira — Santos, 300\$00; Alberto Dias — França, 500\$00; Anónimo — Angola, 500\$00; Alberto Marques Ferreira — Brasil, 500\$00; Pais de Jorge Vila Real Marques Ferreira (Beira) — em memória de seu filho, 1.000\$00; Padre Alfredo Amado Rodrigues — Alfaielos, 500\$00.

Outras ofertas: António Mendes — Cómoros, 500\$00; Manuel Simões Santo — Cómoros, 2.000\$00; Anónimo de Chão de Couce — várias ofertas, 3.700\$00; Alfredo dos Santos — Chão de Couce, 500\$00; Prof. Elísio Mendes de Oliveira — Chão de Couce, 500\$00; Dr. D. João Pais, 500\$00; Fernando Ferreira — Chão de Couce, 500\$00; Uma operária, 500\$00; D. Patrocínio Coelho Ribeiro — Pedra do Ouro, 500\$00; António Mendes da Silva — Tojeira, 500\$00; José Lopes — Relvas, 300\$00; Augusto Furtado dos Santos — Pedra do Ouro, 500\$00; José Estanqueiro Rocha — Chão de Couce, 1.000\$00 e algumas maneiras; Américo Mendes — Ponte do Freixo, 500\$00; Alberto Lopes — Ponte do Freixo, 300\$00; Mário Simões Vaz — Pedra do Ouro, 500\$00; Alberto Simões — Pontão, 500\$00.

Ofertas do Pedidório — 24.300\$00.
Materiais e dias de trabalho: Feire & Paulino — 2 metros de areia fina, mais uma carrada de areia; Ferreira & Santos — 2 carradas de areia; Ricardo, Ferreira, Santos, Marques & C.ª L.ª — Pontão — 2 carradas de brita e areia; Anacleto Lopes Fernandes — Poeiro, 1 carrada de areia; Manuel Gomes, Abílio F. Ribeiro, Eduardo Almeida e Santos e Pai, Alberto

Freire Bernardino e Adriano dos Santos — dias de trabalho.

Assim: total registado no último número 180.467\$90
Recebido este mês em dinheiro e materiais 48.150\$00

Total recebido 228.617\$90

Para 300 contos faltam 71.382\$10. Amigos de perto e de longe, neste Natal de Cristo, vamos pôr por terra esta dívida da nossa paróquia!

NOVOS CRISTÃOS

Tornaram-se cristãos pelo Sacramento do Baptismo:

Vítor Manuel, filho de José Rodrigues e de Alice a Silva Antunes, de Serrada da Mata. Padrinhos: Augusto Franco e Lídia de Jesus Pires;

Ana Maria, filha de Alberto da Silva e de Ilda Marques da Silva, da Serra do Mouro. Padrinhos: Manuel da Conceição José Veríssimo e Laura Ventura Lopes.

Auguramos-lhes as maiores bênçãos de Deus.

NAS MÃOS DE DEUS

Faleceu no lugar dos Pombais, no passado dia 13 de Novembro, o sr. Augusto Simões Vaz, de 72 anos de idade, casado com a sr.ª Maria Joaquina Alves.

Viveu um vida de atrás sofrimento, ao longo de cerca de 50 anos, quase paralítico, sempre com um extraordinário espírito de resignação e de fé cristã.

Os últimos 5 anos passou-os de cama preso às exigências da sua doença. Ao pároco pedia que ali fosse dar-lhe a Sagrada Comunhão nos dias 13 — dia de Nossa Senhora — o que normalmente acontecia. Faleceu também exactamente no dia 13.

Foi um bom chefe de família e um cristão fervoroso.

Os nossos pêsames à família. Paz à sua alma.

RÉCITA INFANTIL

As crianças das escolas da nossa freguesia realizaram no passado dia 11 uma interessante recita, na Associação de Cultura, Recreio e Beneficência. Tiveram arte e beleza.

Estão de parabéns não só elas como seus professores.

Impressões de viagem

(Continuado da pág. 4)

Mais feliz, porventura, do que eles, o que eu vi foi isto: — Um civismo inultrapassável; um calor humano que nos rodeia de atenções e permite que venerandos senhores ingleses sorriam e acarinhem a Ana Cristina, adorável criança de dois anos que me acompanhava; um convívio despretençioso e alegre a desfazer a lenda do sorumbático John Bull; e uma franca e sorridente oferta de ajuda a negar o «clássico» egoísmo britânico. Vi, numa palavra, uma educação e uma decência que a gente inglesa espontaneamente se impõe, e, intransigentemente exige dos outros.

Aos que abusam da pinga...

Imitai o «Camões!»

Nós bem queríamos nesta altura, apresentar a sua fotografia, mas não conseguimos levá-lo a isso.

É o Francisco Susano, a quem chamam Camões, residente na Lagoa de Podentes.

Durante muitos anos, este homem foi uma vítima do alcoolismo. A família, e sobretudo a esposa, sofreram duramente por causa disso, e sem a menor culpabilidade.

Inclusivamente, o pároco da freguesia recusou aceitá-lo, para mordomo duma festa.

É claro que ele não ficou satisfeito, mas acabou por ver que havia razão.

Depois de tantas cabeçadas, e graves, convenceu-se de que já tinha bebido coisa que chegasse, e resolveu, a sério, cortar com o seu hábito.

Já lá vão uns anos, e... dá gosto olhar para ele! melhor cor, boa saúde..., mais amigo da família, e bem visto pelo chefe... ele, que até ali era um miserável.

Temos aqui uma demonstração bem clara, daquilo que podem as boas vontades.

Causa pena olhar para outros, rapazes feitos, e chefes de família... cuja vida muitas vezes não presta, pela mesma razão!

Saibam imitar o Camões; o que ele fez, qualquer outro poderá fazer.

É a família... é o futuro.

Mãos à obra, sem olhar para trás!

(Da «Voz de Penela»)

«Voz de Pombal»

Mais um jornal paroquial acaba de ver a luz da publicidade. Desta vez foi o da vila de Pombal que dá pelo título que encima esta notícia e dirige-o o sr. Arcipreste P.º José Elias Matias Mendes.

Apresenta-se óptimamente elaborado com bom aspecto gráfico e óptima calabração.

Saudamos o novo colega com amizade augurando-lhe longa vida.

VOZ DAS CINCO VILAS

ORGÃO INTERPAROQUIAL

PUBLICAÇÃO MENSAL
Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE
Telefone 32191 (rede de Avelar)
Condições de Assinatura Anual:
Continente 20\$00
Ultramar Português e Estrangeiro 30\$00
Por avião 60\$00
(Pagamento Adiantado)

Pagamento de assinaturas

Assinantes Benefeitores

Com 300\$00 — Adriano Augusto Gaspar — Santos.

Com 100\$00 — Raul Simões — Brasil; Pedro dos Santos — Brasil; D. Eduarda R. Barata — Quinta de Cima; Joaquim Nunes — Beira (2 anos); José dos Santos — Lobito; Arnaldo Marques Ferreira — Santos (2 anos); Raul Marques Ferreira — Beira; Arlindo Simões — Angola.

Com 75\$00 — Adelino Gomes da Silva — Luanda (2 anos).

Outros Assinantes

António Duarte Mendes — França; Maria Alice Medeiros Godinho — Lourenço Marques; Mário Marques Paulino — Lameiras; D. Esmeralda Pereira — Pedra do Ouro; António Ferreira Lopes — Avelar; Luísa Santo — França; António Marques do Rego — Almofala de Cima; João da Silva — (Barroca (2 anos); José Fernandes Adriano — Ramalha; Francisco das Neves Ferreira — Beira; António Fernandes — L. Marques (5 anos); Fernando Francisco Rodrigues — Furadouro; D. Maria Augusta Ferreira Jacob — Avelar; Américo das Neves Marques — Pereiro de Baixo; António dos Santos Ribeiro — Lagoa da Ameixeira; Manuel José Faustino — Cabecinho; Manuel da Silva Patrício — Luanda; Abílio Afonso — Furadouro; Alberto Alves — Venezuela; Abílio Cotrim — África do Sul; Alberto Ferreira — Braga; Lúcia Rosa da Silva — Lisboa; Alberto da Silva — S. do Mouro; D. Marieta Calheiros de Figueiredo — Vila do Conde; Alfredo Rodrigues Gaspar — Lisboa; José Henriques Marques — Nova Freixo; Alfredo Dias da Silva — Barcarena; António Faustino — Santos; Adelino Sousa Medeiros — Santos; Manuel Carvalho — Quinta de Baixo; Artur José Veríssimo — Amieira; Abílio Duarte dos Santos — L. Marques; Alberto da Silva Coelho — França; Serafim Francisco Repolho — Cavadas.

RUMO AO LAR

Na capela do Palácio de Queluz contraíram o Sacramento do Matrimónio, no passado dia 27, em ambiente da maior distinção o sr. José Francico Rosa, filho do sr. Joaquim Francico (Heitor) e da sr.ª D. Elisa Rosa, naturais de Chão de Couce e residentes em Lisboa, com a menina Aura Maria Gouveia Pestana, filha do sr. Manuel António B. Pestana e da sr.ª D. Bela Gouveia Pestana.

Auguramos ao novo casal um ri-dente futuro.



Jorge Vila-Real Marques Ferreira

UM ANO DE SAUDADE

Completo no dia 16 de Dezembro um ano sobre o falecimento do malogrado jovem estudante Jorge Vila-Real Marques Ferreira, filho do sr. Raúl Marques Ferreira e de sua esposa D. Fernanda Vila-Real, residentes na Beira, o qual foi vítima por trágico acidente.

Esta data foi recordada com saudade, em Chão de Couce, em Coimbra e na Beira, onde foram celebradas missas por sua alma.

NOTA DO MÊS

(Continuado da pág. 4)

Que fazer então? O Santo Padre, o Papa João XXIII, deu a palavra exacta de orientação: «é necessária a suspensão do movimento de emigração; ninguém, com efeito, quereria trocar por uma região estrangeira a sua terra natal se nesta encontrasse os meios de levar uma vida mais tolerável».

Isto mesmo: «encontrar os meios — na própria terra — de levar uma vida mais tolerável».

Julgamos, que às entidades superiores compete um estudo sério sobre as zonas mais atingidas pelo flagelo da emigração e quais as suas causas. Depois que nestes meios se fomenta o desenvolvimento industrial e se defenda e proteje e estimule a agricultura.

Este seria o caminho para a solução do problema da nossa região, onde já são muitas as propriedades abandonadas, ao «Deus-dará», porque os seus donos se lançaram na fuga para o desconhecido prometedor.

Sair da terra... Que triste é sair da terra...

Anedotas

Força do hábito

A nova empregada tinha estado dois anos numa sapataria.

Cliente — Desejo seis colheres.
Empregada — Faz favor diga-me o número da boca.

Não aguenta tanta bebida

Médico — O senhor devia beber mais água do que vinho.

Doente — É impossível, sr. doutor, pois eu já bebo três litros de vinho por dia...



Franco Cabeleireiro

ARTE E BOM GOSTO
ao Serviço da Beleza Feminina

Filial: Vila do Espinhal, Abertos às 2.ª-feiras
Telef. 32101 (Avelar)

Francisco José da Silva

MERCERIAS -:- FERRAGENS -:- MÓVEIS -:- BP GÁS

TINTAS «DYRUP» — «LUZALITE» — AGENTE BANCÁRIO

Telefone 21 ANSIAO



NOTA DO MÊS

Que triste é sair da terra...

Os olhos da mulherzinha riam de contentes! Riam de contentes, sim senhores, quando nos disse que aquela casa nova era para o filho — para o seu filho. Ele... ainda tinha pensado em ir para fora, como fazem tantos. Mas... quê?! havia de abandonar os pais e as suas terras?... Não... «eles ficariam tristes e as terras ficavam de luto, se ele saísse!»

E o rapaz não saiu, e a casa lá está quase prestes a ser habitada, num pequeno lugar da nossa região.

Este ficou, mas quantos e quantos se deixam vencer pela magia da terra distante...

Ouve-se, com insistência, o brado de alerta, a clamar por que o povo se prenda à terra. Este brado nasce da verificação do abandono, quase em massa, de certos meios agrários. Sente-se que, com esta fuga, a Pátria e os interesses espirituais da raça algo têm a perder. Perguntamo-nos a nós mesmos se num futuro próximo as nossas terras não contarão senão com crianças, velhos e inválidos.

Importa, sem dúvida, que se sustenha o êxodo da população. Entretanto... como prender a nossa gente à terra se a terra por si mesma a não prende, a não ser quase só pelos laços da afectividade? O homem da terra, sobretudo o pequeno proprietário, sente que trabalha duramente e que, não obstante, mal consegue levantar cabeça. Por outro lado, embora pague honestamente as suas contribuições e impostos, nem sempre possui a comodidade dum boa estrada, da boa assistência médica, dum conveniente instrução — regalias que vão encontrar noutros meios.

A tentação da fuga surge, naturalmente. É certo que muitas vezes, não se consegue a libertação desejada. É certo que, não raro na fuga corre-se... para pior... Não obstante o tentação dum vida a outro nível mantém-se sedutoramente. E não há que levar a mal: é humana a pretensão!

É pena que o homem fuja da sua aldeia, porque apesar de tudo, ele, se não houvesse uma exigência, preferiria ficar. A nossa gente, desde que na sua terra tenha um mínimo de condições vitais, não se afasta. Ela vive presa à magia dos seus horizontes, da sua vegetação, dos seus amigos, dos seus costumes ancestrais...

(Continua na pág. 3)

DEZEMBRO DE 1971

CANÇÃO de DESPERTAR

Hoje...
Eu vou cantar
Meu despertar na aldeia!...
Há quem não faça ideia
Da profunda alegria
Que provoca,
Um despertar... na aldeia!

(Na aldeia ou na cidade,
É sempre igual,
Se o AMOR nos invade...
Mas na aldeia,
Talvez p'la Natureza
Que a rodeia,
O despertar é mais sentimental!)

Antes de abrir os olhos,
Já o meu ser
Se agita em vibração...
O coração é o meu despertador
E acordou-me p'la manhã,
com uma canção de AMOR!...

Abri os olhos devagar
Ainda embalada,
Pela suave canção...
CANÇÃO DE DESPERTAR!
Então o coração mais fortemente
Anunciou-me o AMOR
Que neste dia,
Teria de levar a TODA a gente...

Acordei, finalmente!
Já de olhos bem abertos
Assisto ao despertar do dia...
Tudo tão cor-de-rosa!!!
Que lindo amanhecer
E que serenidade!...

Mas já o Sol
Ruborizando a Terra
Lhe dá força e calor.
E o dia a renascer
Doirado e verde
Canta comigo a Canção do AMOR...

Doirado e Verde
Também foi meu despertar
Cheio de SOL-AMOR!
E em todo o dia,
(Conforme reptira o meu despertador)
Tentei dar mais calor
a toda a gente;
Tentei dar mais calor...

Quem dera
Que em cada amanhecer
Houvesse sempre um despertar de
AMOR!
2-XII-1971.
M. A. CARVALHO

O Governador Civil de Leiria

VISITOU A VILA DE AVELAR

A convite da administração da Fundação de Nossa Senhora da Guia, desta vila, visitou Avelar no passado dia 12, o governador civil de Leiria, dr. Damasceno Campos, que teve oportunidade de observar «in-loco» o andamento de várias e importantes obras em curso.

Após o almoço em honra do chefe do distrito, seguiu-se a visita às obras em curso na freguesia, entre as quais os trabalhos de obras e esgotos da nova praça Costa Rego; da 2.ª fase do hospital, incluindo ampliações que compreendem a casa do pessoal, lavanderia, e casa mortuária, e, ainda, o equipamento da sala de operações. Foram igualmente observadas com muito interesse pelo governador civil as obras do ginásio do Colégio Infante de Sagres e as de ampliação da Fiandeira de Avelar.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

por Dr. D. João Pais de Almeida e Silva

II

A velha imagem de Londres, com o seu «smog», o aspecto pesado e negro dos seus edifícios, e a «clássica» mazombice britânica, convenceram-nos de que não iríamos aqui encontrar nem beleza, nem cor, nem sorrisos. A ideia feita desfez-se, porém, como sonho idiota, logo que entramos na grande capital. Surpresos, verificamos que a cidade é uma maravilha de equilíbrio e bom gosto, sem arranha-céus a esmagar-nos e sem aquele tom sombrio das ruas que é nota dominante nas descrições de turistas mal humorados. Verificamos, pelo contrário, que a cidade se estende através de bairros e bairros onde as casas têm apenas, um andar; alegres moradias a que nada falta, nem mesmo um pequeno jardim na frente para o calmo inglês cuidar das suas rosas ou dos seus cravos. Há, necessariamente edifícios altos no centro de Londres, mas não arranha-céus; e nesses locais de maior movimento, seja Picadilly, seja Regent-Street, há, sobretudo, uma ordem e um civismo tão perfeitos que ninguém ali corre o risco de ser atropelado. Não é aquele o meio próprio para o nosso tão conhecido «tipo desenrascado» que, para ganhar um tempo que, por vezes, nem lhe faz falta, acotovela e empurra até conseguir pôr-se à frente de quem o precedia. Se, de mapa na mão, para-

DUAS SEMANAS EM LONDRES

mos no meio em jeito de quem se orienta, não passará muito tempo sem que alguém, homem, senhora, rapaz ou menina, se dê conta do nosso embaraço e, pressurosamente se aproxima para nos perguntar em que nos pode ser útil. E neste gesto há tanta naturalidade e um sorriso tão aberto que, dois dias em Londres são bastante para esquecermos a imagem desse inglês frio, orgulhoso e brutamonte, como tipo característico desta gente. Trata-se de injusta criação de sujeitos que, levianamente, atribuem a todo o cidadão britânico a responsabilidade da dura actuação política de governos que, mercê dos mais variados processos a que não foram estranhas nem a violência nem a astúcia, conseguiram criar um grande império. É, na verdade, frequente aquela espécie de turista que, após oito dias de permanência em Londres, Tóquio ou Roma, se julga habilitado a emitir segura opinião sobre a psicologia do inglês, do japonês ou do italiano. Por via de regra, essa opinião era já um preconceito que o turista levou dentro do espírito, exactamente como levou as camisas dentro da mala. Esse preconceito é a consequência da facilidade com que se aceitam «slogans» de vária ordem, quando impostos pela autoridade de pessoas notáveis. Ora, quanto ao inglês, abundam, entre nós, opiniões desfavoráveis emitidas por personalidades de grande prestígio literário. E assim temos a Inglaterra

do Junqueiro: «cínica, bêbeda, pros-tituta, devassa, etc., etc.», retrato odioso que é mera reacção do poeta à antipática dureza dum governo inglês. Trata-se, pois, de trágica caricatura que a momentânea exaltação patriótica pode explicar mas que não deve aceitar-se como retrato fiel. Lemos depois, o Oliveira Martins, mais calmo, mas igualmente injusto, a pintar os ingleses como «seres membrudos e desengonçados que, agitando-se, por vezes epilêpticamente, vão, cada qual atrás da sua quimera, e todos colectivamente, impelidos pela quimera colossal do make money — (arranjar dinheiro)». «E, acrescenta, é decerto isso que os imbeciliza».

Nem a olímpica serenidade de Ramalho Ortigão o impede de se referir à Inglaterra como «a ilha indigesta de que, disse Heine, só o nójo de vomitá-la impedia o Oceano de a engolir».

Lemos isto e coisas no mesmo género; recordamos, a reforçar a ideia, a maquiavélica política de que a Inglaterra algumas vezes se serviu para criar o seu império; e, facilmente concluímos que o inglês é falso, é egoísta e é bruto. Esqueçemo-nos, porém, de recordar que também os franceses, os espanhóis, os alemães e tantos outros, actuaram da mesmíssima maneira, e se serviram de igual violência e de igual astúcia, quando chegou o momento histórico do seu predomínio.

Não pretendo ser psicólogo de «fulminantes» deduções; até porque uns dias em Londres não chegam para se entrar no recatado «home», ambiente de difícil acesso mas o único onde poderíamos surpreender o cidadão britânico na plena expressão do seu modo de ser.

Por consequência, e sem me atrever a dogmáticas conclusões, terei de limitar-me ao que me foi possível observar, ou seja o inglês na rua, o inglês na loja, o inglês que se senta ao nosso lado no metropolitano ou que vamos encontrar no «pub» a beber a mesma cerveja e a ler o mesmo jornal. Ora eu creio que não viram outra coisa esses fáceis psicólogos que, conhecedores da actuação política dum governo, dela deduzem a conformação psicológica dum povo.

(Continua na pág. 3)

DR. MÁRIO MENDES ROSA

Editor de «Beira-Baixa»



O jornal «Beira-Baixa», de Castelo Branco, semanário dos mais prestigioso e de maior tiragem em Portugal, tem novo Editor, o dr. Mário Mendes Rosa, natural de Chão de Couce (Relvas).

Daqui felicitamos com um grande abraço o distinto jornalista e bom amigo e transcrevemos daquele periódico os termos lisonjeiros em que deu a notícia:

«Assume as funções de Editor do nosso jornal, nesta data e a título de mera dedicação pela sua causa, o sr. dr. Mário Mendes Rosa.

Natural do Distrito de Leiria, aqui se radicou pelo casamento e pelo exercício profissional, verdadeiramente aliado ao desenvolvimento da faixa interior do País, que tantos naturais abandonam pelas facilidades do centrpetismo burocrático e administrativo.

E, não obstante, fez os seus estudos secundários muito longe daqui, e cedo foi para França fazer e prosseguir estudos superiores, onde se diplomou em Ciências Filosóficas, sempre com elevadas classificações, na

Universidade de Lyon, onde teve mentores da craveira de René Jolivet.

Estagiou depois em Madrid durante dois anos, tomando contacto com alguns cintilantes espíritos universitários do país, irmão, como Luís Maria Anson e outros, em cujo caminho científico ingressou.

Mas a Pátria é que ele queria servir e, ao invés dos que se formam em Portugal à custa do país e vão dar o seu esforço a outras Nações, o dr. Mendes Rosa voltou para Portugal.

Começou pelo magistério liceal, permanecendo quatro anos no Liseu Heitor Pinto da Covilhã, preleccionando a juventude da Cova da Beira e, nesse labor, grangeou apreço das autoridades académicas e simpatia da juventude escolar, com quem abancava muitas vezes, em qualquer parte, em despreocupado e alegre pedagogismo, sem vaidades e sem preconceitos de degrau.

Conferencista de límpidos conceitos e diáfana exposição, as suas palestras são sempre escutadas com muito interesse.

Últimamente, a seu pedido, por pendor natural do seu espírito, passou a Conselheiro Profissional do Serviço Nacional de Emprego, convencido como está de que é aos portugueses mais desprotegidos que a filosofia mais deve valer e ajudar e de que dum nova estruturação e valorização humana depende o futuro do País.

É um valioso companheiro de orientação e de trabalho que o jornal adquire, agora com mais assiduidade, pois já dirigira com muito acerto e total isenção, a página «Pensamento e Acção», que a Juventude tanto lia, comentava e discutia.

Benvindo a esta casa, e à nobre causa de servir a Beira Baixa em informação exacta, em formação séria e em projecção sociológica.

DESPORTOS

Sporting de Avelar

Decorreu nas últimas semanas a disputa da Taça «Pombal» com a presença de cerca de uma dezena de clubes do Distrito.

O Sporting de Avelar no passado dia 5 venceu no seu campo o Grupo D. Condestável, de S. Jorge (Aljubarrota).

— Em breve iniciar-se-á o Campeonato Distrital de Leiria em que também participará o Sporting de Avelar.

Chão de Couce, 2 — Ansião, 2

No dia 28 disputou-se no campo de jogos de Chão de Couce o encontro entre o Lusitano de Chão de Couce e o Grupo D. de Ansião. O resultado foi um empate de 2-2.